

Identidade e corpo: estudo a partir da contística afro-brasileira contemporânea

Prof. Dr. Denise Almeida Silva (URI)

Resumo:

Tanto a negritude como a identidade negra estão relacionadas à cor da pele e às leituras que sobre esta recaem ou lhe são impostas. Kabengele Munanga (2013) distingue o que chama de “identidade objetiva”, apresentada através de características culturais e linguísticas, de uma “identidade subjetiva”, termo pelo qual se refere à maneira como o próprio grupo se define ou é definido pelos grupos vizinhos. Esta última pode, assim, constituir-se em uma autodefinição, ou autoatribuição, ou uma classificação exercida pelo outro. Nesse sentido, pode tanto preservar uma identidade distintiva, como provocar manipulação, a partir da assimilação de uma ideologia dominante. Esta comunicação examina a representação da identidade negra a partir da consciência corporal, em textos da contística afro-brasileira recolhidos da antologia Cadernos Negros- Contos afro-brasileiros v. 32. Propõe a análise de textos que relacionam a alienação do negro à inferiorização de seu corpo e/ou à imposição, sobre eles de estereótipos determinados pela aparência corporal. Dentro dessa perspectiva, faz-se, ainda, um recorte, selecionando-se dois contos onde a discriminação se dá, sobretudo, a partir do cabelo: “As máscaras de Dandara”, de Serafina Machado e “Orvalho da manhã”, de Michel Yaniki. Inicialmente, tecem-se considerações acerca da relevância do conceito de identidade, e expõem-se os conceitos de identidade objetiva e identidade subjetiva formulados por Kabengele Munanga. A análise da autoatribuição identitária do negro brasileiro é contrastada com a atribuição identitária a ele atribuída pelo outro, e os efeitos resultantes dessa assimilação. Por outro lado, este estudo considera, também, momentos de libertação, e as construções corporais a ele relacionadas.

Palavras-chave: identidade, corpo, conto, Cadernos Negros, literatura afro-brasileira.

1 Introdução

“Quem precisa da identidade?,” interrogava Stuart Hall ao final do século XX, em ensaio originalmente publicado em *Questions of identity* (1997). O questionamento formulava-se a partir da constatação da intensidade com que o conceito identidade (e, conseqüentemente, de “política de localização”) vinham a ser discutidos no contexto da crítica antiessencialista a concepções étnicas, raciais e nacionais da identidade cultural, o que conduzia a duas outras perguntas: seriam, de fato, necessárias **mais discussões** acerca do conceito? E, mais especificamente: **quem** precisa de identidade? Justificando a atualidade do debate, Hall enfatizava que identidade é um desses conceitos-chave colocados sob rasura pela crítica desconstrutiva, o qual necessita ser pensado no e em relação ao conjunto de problemas que emerge de sua própria irredutibilidade. A esse respeito, sua importância há que ser localizada em sua centralidade para a questão de agência e de política. Esta última avulta em importância na esteira da relação do significante identidade com uma política de localização; agência aponta para a necessidade de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas e/ou processos de subjetivação, e nas políticas de exclusão que essa subjetivação implica. (HALL, 2000).

Enfocando especificamente a identidade negra, Kabengele Munanga chama a atenção para a relevância de distinguir o que chama de “identidade objetiva”, apresentada através de características culturais e linguísticas, de uma “identidade subjetiva”, termo pelo qual se refere à maneira como o próprio grupo se define ou é definido pelos grupos vizinhos. Esta última pode, assim, constituir-se em uma autodefinição ou autoatribuição, ou uma classificação exercida pelo outro. Face à existência de diferentes graus de consciência a respeito da pertença motivada pela atividade classificatória implícita na atribuição identitária, que implica uma categorização entre “nós” e “os outros”, e face, também, a diferenças motivadas pela posicionalidade social e cultural, evidentemente não há como formular um conceito genérico global de identidade negra (MUNANGA, 2012, p. 11). Afinal, como Munanga mesmo propõe em outro estudo, a formação identitária é processo complexo, que envolve fatores históricos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais (1988, p. 143-46).

O que se propõe, neste trabalho, é analisar a autoatribuição identitária do negro brasileiro como representada por amostragem de contos recolhidos de *Cadernos Negros* – publicação que já representa uma síntese representativa da arte e pensamento da negritude brasileiras –, reduzindo o recorte, mais especificamente, a contos em que o corpo avulta como referente identitário.

Tal opção se justifica pelo fato de que, como Munanga ainda aponta, o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. Daí por que, na visão desse pesquisador, a busca da identidade negra não se constitui em uma divisão da luta dos oprimidos, mas, antes, alinha-se a problemas distintivamente negros, tais como a alienação de seu corpo, cor, cultura e história, o que resulta em autodepreciação, baixa estima. (MUNANGA, 2012, p. 19).

Seleciono, para análise, textos que relacionam a inferiorização do negro, e a alienação de seu corpo ao preconceito e à imposição de estereótipos, bem como, por outro lado, textos em que o corpo negro vem a ser aceito e considerado belo, dupla avaliação que, muitas vezes, encontra-se no mesmo conto, como se verá na sessão analítica deste trabalho.

Dada a abundância de exemplos em que corpo e identidade são tematizados nos *Cadernos negros*, e o tempo para exposição desta comunicação, opto por um pequeno recorte, limitando a apresentação a dois contos em que o cabelo é tomado como base para a exclusão: “As máscaras de Dandara”, de Serafina Machado e “Orvalho da manhã”, de Michel Yaniki.

2 O corpo negro: da autodenegação à libertação

Em *Pele negra, máscaras brancas*, o psiquiatra martiniquense Frantz Fanon propõe-se a realizar uma tentativa de explicação psicopatológica e filosófica do existir do negro. Elabora uma tentativa de compreensão da relação entre o negro e o branco a partir do quadro de um duplo narcisismo, no qual tanto o branco está “fechado na sua brancura” quanto o “negro na sua negrura”. Fanon tem o intuito de por fim a esse círculo vicioso; contudo, quer mais do que libertar os seres presos a essa polaridade, tão frequentemente destrutiva: quer libertar o homem de cor de si próprio. Afirma: “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco”. (2008, p. 26). Comparando a conduta do negro com a dos judeus, e citando Sartre, Fanon lembra como os judeus permitiram-se ser envenenados pelos estereótipos que os outros têm deles, e vivem no temor de que seus atos correspondam a essa visão, de modo que sua conduta é perpetuamente sobredeterminada a partir do interior. Diferente do judeu, o negro é

sobredeterminado do exterior, escravo da idéia que outros têm **não dele**, mas de sua aparência. Assim, aceita ser dissecado por olhos brancos, os únicos que tomam como verdadeiros.

Analisando, a seguir, os contos selecionados, estudando como se dá o duplo processo de aceitação da identidade imposta pelo outro e de autodefinição e, principalmente, como, em um mesmo conto, acontece a transição de uma forma de atribuição identitária a outra, em um movimento que parece cumprir o objetivo de servir de exemplar no processo de libertar o homem de cor de si próprio.

2.1 As máscaras de Dandara

Os contos selecionados têm, em comum um confronto entre a estética branca e a , estética negra, apresentando a aceitação, não questionada e até inconsciente, de padrões de beleza ocidentais brancos, incompatíveis com o fenótipo e cultura negra e o consequente desenvolvimento de insegurança, baixa auto-estima, que levam a uma espécie de divisão do eu sobre si mesmo. Início a análise com “As máscaras de Dandara”, de Serafina Machado porque esse conto constrói a personagem a partir de sua infância, permitindo acompanhar o desenvolvimento desse processo a partir de seus primeiros anos, e, mais especialmente, de um momento crucial nessa fase: o primeiro dia de aula.

O conto é narrado retrospectivamente, em uma perspectiva cronológica, por um narrador onisciente que resume, inicialmente, a extensão do dano causado pela contínua rejeição preconceituosa: Dandara sentia como se o mundo a perseguisse, e quisesse destruí-la, sendo vítima de uma total incapacidade de encarar os outros, uma inibição que não entende, mas que data já da infância, período em que também começou a fazer uso de máscaras, como instrumento de autodefesa.

Introduzido o perfil psicológico da protagonista, o conto remete imediatamente ao primeiro dia de aula, momento marcante na vida de qualquer criança, quando sente, pela vez primeira, o constrangimento vindo de processo discriminatório: risinhos, cochichos. Dominada pelo medo, refugia-se na última carteira – sente-se “acuada”, adjetivo que, por lembrar o cerco que obriga animais a recuar, bem sugere não só o trato desumanizador a ela dispensado, como sugere o caráter dos que dela zombam. O constrangimento só aumenta quando, de medo, faz xixi na roupa. Em sua inocência pede às fadas que a livrem da fonte de seu incômodo: “aquela aparência que despertava tanto sarro.” É então que passa a usar a primeira máscara, de madeira, que não é forte o suficiente para afastá-la dos olhares e risos, pois estes, quais pregos, continuavam atravessando a madeira. As zombarias recaíam, sobre o que mais salientemente marcava, para aquelas crianças, a diferença entre eles e a menina: a religiosidade (“Olha a neguinha do saravá”) e o cabelo, saudado com a marchinha “nega do cabelo duro, que não gosta de pentear...”. Se a referência ao saravá não era compreendida, porque ela nem sabia o que era, a ofensa ao cabelo era clara, e clara, também, o rechaço implícito em ambas. A menina expressa claramente o motivo de sua tristeza: só queria ser aceita.

Os comportamentos excludentes permanecem ao longo dos anos. Embora excelente aluna, não era querida nas brincadeiras, e nos trabalhos de grupos. Para os colegas continua sendo “apenas uma neguinha suja, fedida, feia...” Como resultado, continua experimentando sucessivas máscaras, de papel, folhas, cascas, pele ou couro, forjadas em ouro ou cozidas em cerâmica, articuladas ou imóveis, zoomorfas ou híbridas. Todas invariavelmente não a protegem. Torna-se múltipla e vazia, um fantasma de si mesmo que já não se conhece.

Tal sentimento não são surpreendentes já que, como Alfred Adler registra em

Understanding human nature, frequentemente percebe em pacientes relações entre as impressões da infância e as queixas atuais. Padrões comportamentais adquiridos na infância, embora passíveis de mudança, mas que, em essência, se mantém não alterados desde a primeira infância, são fatores comportamentais determinantes, mesmo que as relações do mundo adulto possam ocasionar modificações em alguns casos (ADLER, apud FANON, 1967).

Assim, quando Dandara se transforma em uma jovem, afasta as pessoas, temendo ser rejeitada; aos elogios dos rapazes, responde com a máscara Desprezo. Continua sentindo-se feia, pouco atraente “pois era o que sempre diziam sobre ela, que era feia e tinha cabelos pixains que nunc cresciam. [...] cabelo-bombril. O nariz amassado. [...] ela era feia e não tinha namorado.” (MACHADO, 2009, p. 109). Como se vê, havia introjetado a identidade subjetiva que lhe tinha sido atribuída pelo outro. Comentando a auto-depreciação por parte do negro, Frantz Fanon cita Guex, o qual ressalta que a falta de autoestima como um objeto de amor tem graves consequências, mantendo o indivíduo em profunda insegurança, em resultado da qual inibe ou falsifica cada relação com os outros. É como objeto capaz de despertar simpatia ou amor que o indivíduo fica inseguro a seu próprio respeito, pois falta-lhe a auto-valorização afetiva. (2009, p. 75-76).

Continua, pois a prática da sobreposição de máscaras protetoras. Na adolescência passa a usar máscara de plástico, branca, que a asfixia e desfigura a ponto de passar a se ver como um ciclope: deformada, com a visão prejudicada: um olho apenas, aberto e cego. Curiosamente, reconhece sua cegueira, e sabe que vê por um único ponto de vista, mas assumir sua negritude parece-lhe louca, já que pensa que pareceria muito mais um bicho. Nisso repete a avaliação que outros tem das feições negras, sem perceber nem questionar. Assim, arranca a máscara, mas é incapaz de libertar a si própria; prefere, antes, curva-se ao olhar do outro, prefere refugiar-se de sua aparência, à qual atribui a origem de seus males.

Nisso seu comportamento se parece com a de pacientes que apresentam obsessão com o passado. Guex registra casos em que as frustrações e derrotas paralizam o entusiasmo pela vida. Geralmente mais introvertidos do que os indivíduos que experimentam a vida positivamente, tais pessoas têm a tendência a remoer desapontamentos presentes e passados, construindo para si uma área mais ou menos secreta de ressentimentos. Embora tenham consciência dessa zona, cultivam-na e defendem-na contra qualquer intrusão. Agressões e constante necessidade de vingança inibem seus impulsos, e seu recuo em si mesmo não lhe permite experiências positivas que compensariam seu passado. Daí a baixa autoestima, a insegurança afetiva, o sentimento de impotência em relação à vida e às pessoas.

Em que pese o fato de que Dandara busca nas máscaras abrigo contra as agressões a que não consegue reagir, máscaras são superposições que não eliminam a realidade daquele que as usa. Assim, a personagem continua dividida em si e contra si. Aparenta ser fraca aos inimigos, vestindo a veste de coitada; os exames finais revelam que ela é brilhante, tem as melhores notas da turma. Veste a máscara da simpatia quando humilhada, na vã busca de sufocar sua mágoa e agressividade. Bem entende o que realmente está em jogo quando um diretor racista a pretere em entrevista de emprego: sabe que não vê a ela, mas a “um acúmulo de histórias, escritas tão variadas que pigmentaram sua pele.” (MACHADO, 2009, p. 111).

Curiosamente, a despeito de sua inteligência, e de tão bem perceber as máscaras de defesa usada pelo outro, continua a experimentar sucessivas máscaras: desprezo, indiferença, ferro, distanciamento. O desfile de máscaras continua até que conhece um novo professor, substituto, por quem sente atração da qual não se protege, embora sinta medo. Um teste é o primeiro momento de intimidade. Sente que

é hora de tirar os disfarces, aposentar as máscaras e reavaliar, reavaliar-se.

Precisava tirar as máscaras do armário que estava dentro de si. Sentia que naquele momento não precisava e não poderia ser um personagem. Queria, sem arrependimento, ver a partida da criança humilhada, da mulher rejeitada, da profissional preterida, da professora desvalorizada, da mulher sorridente e vazia. Era necessário reinventar-se; apalpar, no nevoeiro de quem era, algo que fosse uma essência: descobrir-se. (MACHADO, 2009, p. 114).

Ao observar seu corpo nu, os olhos castanhos, os cabelos crespos e o nariz achatado decide que vestirá, doravante, a única máscara que permanecia, aquela que era-lhe impossível descartar, ou seja, sua própria pele. Pela primeira vez sente-se negra, e linda. Ama-se. Sem máscaras, sente-se como heroína. Porque vencera um exército de sombras, podia agora, sem medo, entregar-se a si.

2.2 Orvalho da manhã

Diferentemente de “As máscaras de Dandara”, “Orvalho da manhã” não acompanha a vida da protagonista desde sua infância, mas a enfoca em momento de decisão. Célia casara-se muito jovem, passando do controle do pai ao “cabresto do ‘maridopaitrão’”. Sentindo-se oprimida, queria começar nova vida, mas hesitava, pensando nos filhos, na família e na vizinhança.

Esses são fatos apreendidos pelo leitor no decorrer da leitura; o conto inicia com Célia levantando-se cedo pela manhã, em silêncio, para não acordar o marido. Abre o chuveiro, e deixa escorrer a água, que se mistura a seu choro. Perguntas e culpas invadem sua mente, e esfrega a pele com raiva. Nesse momento, deixa “molhar a carapinha, arrependida do alisamento, o padrão estético que não evitava o desprezo.” (YANIKI, 2009, p. 95). A frase não somente é a primeira indicação de que a personagem é negra, como apresenta ao leitor mais uma fonte de aflição para Célia: é negra, e a cor da pele atrai preconceito e desprezo. Mais: indica que, conscientemente, buscara no alisamento uma imitação do padrão estético branco, sem sucesso.

O banho logo configura-se como um ritual purgativo. Célia se esfrega vigorosamente, quer expelir “todo o odor de abuso que grudava na melanina em noites de cutucação.” Associa, assim, o sexo abusivo, suportado, mas não gozado, que lhe é imposto pela penetração do marido à cor da pele, fonte de insultos. É ainda no banho que reavalia a vida, lembrando a infância livre, a sujeição ao marido, a frustrada busca de apoio para um separação, e o desejo contido de buscar novos rumos.

De volta à cama, evita contato com o marido, fingindo dormir. Uma vez sozinha, porém, com o marido e os filhos já fora de casa, repete a chuveirada. Percebe que conserva um belo corpo; sob a ação do chuveiro, os cabelos voltam a apresentar seu crespo natural, e Célia os afaga. Assim como Dandara, o momento de libertação coincide com a contemplação e aceitação do próprio corpo, quando sente que novos ares sopram. Novamente o texto apresenta a descrição de uma mulher que sente-se apaziguada com o próprio corpo, e consigo mesma: “Fixou o olhar fundo nos olhos de breu, na boca carente, e sentiu-se no próprio jardim.” (YANIKI, 2009, p. 97).

Impossível, aqui, ignorar as ressonâncias do Cândido de Voltaire, com sua famosa injunção: “Muito bem dito [...] mas é preciso cultivar nosso jardim”. Ao final do conto,

Cândido, como Célia faz uma opção vital. Esse é o momento em que é libertado das ilusões da infância à vida adulta, e faz a opção por um projeto de vida.

O sentido metafórico do jardim em “Orvalho da manhã” fica claro no parágrafo que segue à descrição da segunda chuva, em que mais detidamente Célia contempla, aceita e admira o próprio corpo:

De visão cerrada e poros acesos foi colhendo lentamente folha por folha, flor por flor, sentindo o perfume e o gosto do próprio sabor. Tateou cada ponta, cada linha, cada fio, cada relevo. Uma infinitude de essências em si mesma. Um fino orvalho regou as extremidades, acompanhada pela regência dos colibris. Uma rosa se abriu, carecendo colheita, germinando delírios. Sonhou ...Como sonhou... Um desejo nunca almejado. (YANIKI, 2009, p. 97).

Ato contíguo, Célia coloca o vestido reprimido da adolescência, pega uma mochila, grava, com o olhar a foto dos filhos, e parte, aceitando o desafio que o futuro lhe oferece. Tal qual o cabelo, que se libertara do alisamento, liberta-se da vida submissa, que sente como privação de vida, e sai em busca do cultivo de seu próprio jardim.
mília, vizinhança

Conclusão

Tanto “As máscaras de Dandara”, de Serafina Machado e “Orvalho da manhã”, de Michel Yaniki parecem ter sido escritos tendo em vista, principalmente, leitor negro, capaz de sentir empatia com as humilhações e aflições das personagens. Ambos contrapõem uma identidade imposta por assimilação ou sujeição a uma posição identitária autoatribuída. Que as personagens possam, enfim, estar em paz consigo mesmas, e que isso aconteça através da autoaceitação do próprio corpo, sede material de todos os aspectos da identidade, é resolução que parece imanar de um desejo de empoderamento do negro. Tal como as personagens, que triunfaram, através da eliminação da cegueira e da autoaceitação, também o leitor, oprimido e discriminado, poderá vencer. E restará ao leitor, também, o prazer de ter lido dois contos extremamente bem escritos.

Referências Bibliográficas

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Prefácio de Lewis R. Gordon. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Identidade e diferença; a perspectiva dos estudos culturais*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MACHADO, Serafina. As máscaras de Dandara. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (org.). *Cadernos negros 32. Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2009. p. 107- 116.

YANIKI, Michel. Orvalho da manhã. In: RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. (org.). *Cadernos negros 32. Contos afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2009. p. 95- 98.